



Da tradição clássica à era da inteligência artificial: entrevista com Jacyntho Lins Brandão

***From the Classical Tradition to the Era of Artificial intelligence:
Interview with Jacyntho Lins Brandão***

Celina F. Lage

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
FAPEMIG

celinalage@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9052-7708>

Pedro Ipiranga Jr.

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

junioripiranga@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-8834-1544>

1 Introdução

Jacyntho Lins Brandão é uma figura icônica nos estudos clássicos brasileiros. Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais, ele foi professor titular de língua e literatura grega, autor de diversos livros, um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e também ocupou os cargos de vice-reitor da UFMG e diretor da Faculdade de Letras da UFMG. Jacyntho atuou como professor convidado em várias instituições e, atualmente, é presidente da Academia Mineira de Letras.

Celina Figueiredo Lage e Pedro Ipiranga Júnior, que foram orientandos de Jacyntho e nutrem um carinho muito grande por ele, acompanham sua trajetória há mais de 30 anos, colaborando de perto em vários eventos, publicações e projetos acadêmicos. Convidaram-no em 31 de maio de 2024 para uma entrevista¹ em um charmoso bar de vinhos, um

¹ Esta entrevista foi originalmente realizada de forma oral e, para fins de publicação, passou por uma leve adaptação ao formato escrito, com o objetivo de adequar o discurso às normas da língua culta portuguesa e melhorar a inteligibilidade do texto. Embora

dos mais badalados da cidade de Belo Horizonte. A ideia era reproduzir um pouco do clima de um simpósio antigo, no sentido etimológico do termo, que é beber juntos e discutir temas filosóficos, poéticos e profundos. Aproveitando este momento de confraternização, fizeram algumas perguntas às quais Jacyntho respondeu de muito bom grado, enquanto desfrutavam de vinhos refinados e petiscos saborosos. Iniciaram a entrevista com uma libação e uma invocação às Musas ao estilo antigo:

“Invocação às Musas - Ó Musas divinas, filhas de Zeus e Mnemósine, que habitais os altos montes do Olimpo, vinde a nós neste momento de sabedoria e partilha. Imploramos que nos concedais o dom da elocução clara e inspirada, pois tendes o poder da visão do passado, do presente e do futuro. Que vossa presença ilumine nossas mentes, permitindo que este diálogo revele verdades escondidas e sabedorias eternas. Jacyntho, é uma honra tê-lo conosco. Iniciemos esta jornada através do tempo e do saber.”

2 Início e interesse pelos Estudos Clássicos

Pergunta: *Jacyntho, poderia nos contar sobre o início de sua jornada nos Estudos Clássicos? Em que momento e sob quais circunstâncias seu interesse por esse campo floresceu? Há algo em especial relacionado ao fato de você ter se tornado professor de língua e literatura grega que tenha influenciado sua trajetória?*

Jacyntho Lins Brandão: Minha escolha por Letras veio do meu gosto por línguas. Isso não quer dizer que eu não tivesse interesse em literatura, mas, para mim, o aprendizado da língua sempre foi a chave para ler as obras literárias no original. Quando entrei na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais o que mais me surpreendeu foi o fato de que o grego fazia parte do currículo obrigatório. Até então, eu tinha tido um contato mínimo com o grego, algo muito superficial.

ajustes tenham sido feitos para garantir a fluidez da leitura, preservamos integralmente as ideias e o estilo do entrevistado, professor Jacyntho Lins Brandão, garantindo que suas reflexões e posicionamentos permaneçam fiéis ao conteúdo expresso na entrevista original.

O interesse pelo grego começou bem antes da universidade, quando eu ainda era adolescente. Minha mãe recebeu uma parte da biblioteca de um parente, Monsenhor Messias de Senna Baptista, que era capelão do Convento das Carmelitas, onde moramos por um tempo. Após sua morte, as carmelitas dividiram seus livros, e alguns foram enviados para a minha mãe. Entre eles, estava uma gramática de grego que ele havia usado no seminário de Mariana, no início do século XX. Eu era adolescente e já estava aprendendo francês, então comecei a mexer nos livros. Aprendi o alfabeto grego, mas não conseguia entender muita coisa, pois as gramáticas da época pressupunham o conhecimento prévio de latim. Esse foi meu primeiro contato com o grego e, mesmo que de maneira desajeitada, a curiosidade permaneceu.

Na faculdade, além do grego, estudei latim, que eu já tinha visto um pouco no clássico. A reforma educacional de Jarbas Passarinho eliminou o curso clássico do ensino médio, então, no segundo ano, fui jogado para um currículo técnico, sem continuidade nas disciplinas de línguas, história e psicologia. A entrada na universidade foi a oportunidade de retomar esses estudos, e eu me interessei profundamente pelo latim. Durante os primeiros semestres, o curso de grego avançava com dificuldade. Muitas vezes eu precisava fazer abaixo-assinados para garantir que o próximo semestre fosse oferecido. Lembro que, no segundo semestre, havia apenas três ou quatro alunos. Fomos persistentes, e a cada semestre precisávamos convencer o Departamento de Letras Clássicas a manter as disciplinas.

Após me formar, tentei o mestrado em linguística com foco em filologia romântica, que era meu interesse inicial. Foi quando a professora Ângela Vaz Leão, a pedido do professor Rubens Costa Romanelli, me indicou para uma vaga de professor de latim no Departamento de Clássicas. Eu não conhecia o professor Romanelli, mas Dona Ângela, como todos a chamavam, com sua influência me recomendou. Foi um momento decisivo na minha carreira. Eu estava programado para ensinar latim no semestre seguinte, o segundo de 1977, mas quando as aulas começaram, o chefe do departamento, Prof. Rubens dos Santos, me informou que haviam pedido duas vagas pensando que a Reitoria ia conceder só uma, mas as duas saíram, pelo que decidiram que uma seria para grego e outra para o latim, eu então ficando com o grego. Minha

primeira aula seria na noite do mesmo dia e ainda perguntei que material estavam utilizando, a resposta sendo que eu tinha completa liberdade. Fui então para casa preparar minha primeira aula de grego, da disciplina que se chamava “Língua Grega: noções de etimologia”, obrigatória para os calouros de grego. Um colega que também dava aula à noite e de que me tornei grande amigo, Rúbio Dias Ribeiro, foi que me passou as apostilas que usava e foi assim que comecei. No início, minha intenção era migrar para a filologia românica, mas depois de dois ou três semestres, com o interesse dos alunos, concluí que meu lugar era no grego.

Sobre a época em que entrei na universidade, em 1972, o contexto político ainda era bastante pesado, mesmo após os anos mais duros da ditadura. Não vivenciei diretamente os episódios mais violentos, como a invasão da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) em 1968, mas a tensão ainda estava presente. Lembro-me de professores que evitavam certos comentários nas aulas, com medo de represálias. Era comum ouvir frases como ‘não vou comentar isso’, para evitar se comprometer politicamente.

Outra lembrança marcante daquele período foi a presença de policiais em sala de aula. Alguns cursavam Letras, o que gerava uma atmosfera curiosa e, ao mesmo tempo, desconfortável. Eles estavam lá, muitas vezes sem se envolver com a dinâmica acadêmica ou com a política estudantil, mas sua presença era notada. Professores como Dona Ângela e Romanelli também foram convocados a depor na polícia em algum momento, o que demonstra o clima de vigilância que ainda rondava a universidade, mesmo no início dos anos 1970.

Esse contexto formou o pano de fundo da minha formação acadêmica, e, apesar das dificuldades, foi na universidade que realmente mergulhei nos estudos clássicos, especialmente nas línguas antigas.

3 Contribuição Brasileira aos Estudos Clássicos e Impacto da SBEC e FIEC

Pergunta: *Você foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) e organizou o congresso internacional da FIEC (Fédération Internationale des Études Classiques) pela primeira vez no Hemisfério Sul.*

Qual foi o impacto desses dois acontecimentos no desenvolvimento dos estudos clássicos no Brasil e na sua visibilidade internacional?

J. L. B.: A ideia de criar uma sociedade de estudos clássicos no Brasil foi proposta pela Profa. Haiganuch Sarian (todos a chamamos de Haiga), que ensinava arqueologia clássica na Universidade de São Paulo, durante um congresso que organizamos em Belo Horizonte em 1984, quando eu era chefe do Departamento de Letras Clássicas. Haiga sugeriu que formássemos uma associação para reunir os classicistas do país, algo que ela via como essencial para fortalecer nossa área de pesquisa. A sugestão ecoou o que eu também já estava pensando, e concordamos criar a sociedade na reunião do ano seguinte da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Esse ano seguinte, 1985, era também o da transição política no Brasil, e o tema da SBPC era ‘Começar de novo’, que se encaixava perfeitamente com o momento histórico que o Brasil vivia, saindo da ditadura. Então, durante essa reunião, que como o congresso do ano anterior aconteceu na UFMG, a sociedade foi fundada.

O nome Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) foi escolhido após muita reflexão. No passado, havia uma Associação Brasileira de Estudos Clássicos, fundada nos anos 50 pelo professor francês Pierre Aubreton, que atuou muito tempo na USP e formou muitos dos grandes classicistas da época, como a própria Haiga. Ele enviava estudantes para a França, o que teve um impacto importante na formação de classicistas brasileiros. Decidimos que nossa nova sociedade seria mais ampla e interdisciplinar, algo que era necessário para os estudos clássicos no Brasil.

A fundação da SBEC foi um marco importante. Eu me lembro claramente de como as coisas se desenrolaram: durante a reunião de fundação, alguns colegas sugeriram meu nome para presidente, mas eu já havia combinado com Haiga que ela devia ser a presidente, dado seu reconhecimento internacional, e eu ficaria como secretário-geral. Sabíamos que o presidente era a figura de prestígio, mas o verdadeiro trabalho ficaria com o secretário, que coordenaria a parte operacional. Quando a proposta foi levada à votação, a professora Neiva Ferreira Pinto presidiu a sessão e, ao ouvir a sugestão de que eu fosse presidente,

prontamente respondeu: ‘A presidente é a Haiga. O Jacyntho vai ser o secretário-geral’. Alguém ainda comentou: ‘Isso é política de mineiro?’ Mas deu tudo certo. A primeira diretoria, além de nós dois, tinha também o Prof. Donaldo Schüler, da UFRGS, como vice-presidente, a Profa. Sílvia Costa Damasceno, da UFRJ, como tesoureira.

A primeira reunião anual da SBEC ocorreu em 1986, em Curitiba, de novo no contexto da reunião anual da SBPC, e foi um grande sucesso, apesar das dificuldades logísticas. A SBPC de início reclamou pelo grande número de sessões que propusemos, levando a que Haiga, com sua autoridade, interviesse diretamente com a Profa. Carolina Bori, então presidente da SBPC, e conseguimos manter todas as sessões. Ainda assim, enfrentamos problemas com *overbooking* no hotel que havíamos reservado, mas, felizmente, eles recuperaram nossas reservas e conseguimos acomodar todos os participantes.

O segundo grande marco para os estudos clássicos no Brasil foi a organização do congresso da FIEC, algo que inicialmente parecia impossível. Em 1987, participei de uma reunião intermediária da FIEC em Creta, onde pude conhecer alguns dos grandes nomes dos estudos clássicos internacionais, como Marcelo Gigante, que era um dos responsáveis pelos papiros de Herculano. Durante essa reunião, tive a oportunidade de conversar com o Prof. François Paschoud, secretário da FIEC, e sugeri que o Brasil poderia sediar um dos congressos internacionais. A reação dele foi de surpresa: ‘Impossível! O Novo Mundo é muito longe!’

A estratégia para convencer a FIEC a trazer o congresso ao Brasil envolveu muito trabalho de bastidores. Durante um congresso da Sociedade Espanhola de Estudos Clássicos, organizado por Francisco Rodríguez Adrados, tive a chance de conversar com representantes de outros países latino-americanos, como Paola Vianello, do México, Giuseppina Grammatico, do Chile, e Blanca Quiñones, da Argentina. Conversamos sobre a importância de termos uma presença maior da América Latina na FIEC, e juntos abordamos Adrados, que estava na comissão organizadora, para apoiar nossa causa. Foi graças a esse apoio que para o congresso seguinte, em 1994, que aconteceu em Quebec, no Canadá, pela primeira vez foi convidado um classicista brasileiro, a Haiganuch Sarian, bem como uma cubana, a Profa. Elina Miranda

Cancela, tendo sido incluída no programa também uma sessão sobre “A tradição clássica na América”.

Em 1992, formalizamos a proposta de o congresso de 1999 acontecer no Brasil e a disputa inicialmente era com os colegas alemães, que propunham Berlim como a sede, algo importante depois da reunificação da Alemanha. Mas durante a reunião da assembleia geral da FIEC, que aconteceu em Estocolmo, apareceram os emissários das sociedades gregas de estudos clássicos com a proposta de que o encontro fosse na Grécia, o que nunca tinha acontecido, e convenhamos que ninguém se poria contra, por isso nós e os alemães retiramos as nossas propostas, que ficavam adiadas.

No congresso em Quebec, Haiganuch Sarian tinha sido eleita para o ‘bureau’ da FIEC, o que era um primeiro passo. Então, o Prof. Paschoud esteve no Brasil para um congresso da SBEC em São Paulo, visitou Ouro Preto acompanhado da Neiva Ferreira Pinto e acabou mudando sua percepção sobre o interesse da própria FIEC em ter um congresso fora do Hemisfério Norte. Depois, em 1999, a Haiganuch foi eleita, na Grécia, vice-presidente da FIEC. Então, em 2004 o evento aconteceu em Ouro Preto, um marco não só para a SBEC, mas para toda a comunidade acadêmica brasileira. Isso contribuiu para que o Brasil passasse a ser visto como um centro importante para os estudos clássicos e consolidou a SBEC como uma sociedade multidisciplinar, algo que foi inovador na época e que permanece uma de suas maiores forças até hoje.

Foi significativo que no congresso seguinte, em 2009, em Berlim, o discurso inicial de apresentação sobre o que é a FIEC e o que são seus congressos tenha sido lido em português brasileiro, só em seguida sendo lido também em alemão, inglês e francês.

4 Pesquisas e publicações

Pergunta: *Sua aproximação com a figura de Luciano de Samósata é um aspecto central de sua carreira. Poderia nos falar sobre como esse interesse se desenvolveu? Quais aspectos da obra de Luciano mais o fascinam? A sua tese sobre Luciano de Samósata influenciou de alguma forma seu estudo posterior sobre o romance antigo? Em seu livro A*

Invenção do Romance, quais você considera as contribuições mais significativas para o campo dos estudos clássicos?

J. L. B.: O interesse por Luciano de Samósata surgiu gradualmente ao longo da minha formação. Eu sempre tive uma predileção por autores que operam nas margens e Luciano, com seu caráter irônico e satírico, se enquadra perfeitamente nessa categoria. Ele viveu no contexto do Império Romano, mas era de origem bárbara e falava grego. Esse estranhamento entre o pertencimento e a alteridade é algo que sempre me atraiu em sua obra, porque me permitiu refletir sobre como as identidades culturais se constroem e se desconstroem.

A minha pesquisa sobre Luciano se centrou nesse aspecto da alteridade, algo que também está presente em meu livro *Invenção do Romance*.² Luciano brinca com o conceito de ‘pós-clássico’, que, embora seja uma noção moderna, já estava implicitamente em sua obra, pois ele fazia uma sátira das convenções clássicas da literatura e do pensamento. Para mim, o que mais fascina em Luciano é justamente essa habilidade de subverter as expectativas, criando algo que é, ao mesmo tempo, uma continuidade e uma ruptura com a tradição.

Quanto ao romance antigo, Luciano foi uma ponte natural para minha pesquisa. Em *Invenção do Romance*, exploro como o romance, ao longo de sua história, absorveu elementos de outros gêneros e, a partir disso, criou uma nova forma literária. O romance antigo foi visto durante muito tempo como um gênero menor, uma literatura de entretenimento, algo que também recaía sobre a obra de Luciano. A minha abordagem no livro foi justamente questionar esse preconceito, mostrando que o romance, ao devorar outros gêneros, criava uma nova forma de prosa ficcional. É uma literatura de ‘segundo grau’, que toma o que veio antes e o transforma.

Minha introdução ao estudo de Luciano aconteceu quase por acaso. Meu professor de grego, Rubens dos Santos, me emprestou certa vez um dos volumes das suas obras, na edição Loeb, e foi assim que comecei a ler Luciano. Então, alertado por um aluno meu, Duval Vasconcelos Barros, que na época estudava direito e hoje é diplomata, consegui comprar todos

² BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A invenção do Romance*. Brasília: Editora UNB, 2005.

os volumes da obra de Luciano, na mesma edição da Loeb, num sebo do Edifício Dantés, no centro de Belo Horizonte, imagine que sorte!

Então escrevi para o professor José Cavalcante de Souza, da USP, a fim de discutir a possibilidade de estudar Luciano sob a perspectiva da paródia. Cavalcante foi muito receptivo, me respondeu prontamente dizendo que, embora não trabalhasse diretamente com Luciano, o autor era extremamente interessante. A partir daí, iniciei meu doutorado na USP e Luciano se tornou o foco central das minhas pesquisas.

O que me interessa no romance antigo, e em Luciano em particular, é a maneira como esses textos transitam entre o sério e o cômico, o marginal e o central, algo que também vemos na literatura cristã da Antiguidade, outro campo ao qual me dediquei. Naquele período, havia uma visão muito rígida de que a alta cultura terminava no século V, e o que vinha depois era considerado decadênci. Mas a ‘decadênci’, como costumo dizer, tem seu charme. Luciano, com sua ironia, foi fundamental para mostrar como essas transições e margens são ricas e merecem ser estudadas.

Pergunta: *Ultimamente, você tem se dedicado à tradução de textos da literatura acádia. Em um artigo mais antigo (ideia reformulada na introdução do seu livro A Invenção do Romance), você elaborou o argumento de que haveria, pelo menos, duas perspectivas de narrativa: a narrativa do tipo grego, mais voltada ao olho e criadora de uma noção estética do mundo, e a narrativa do tipo hebraico, mais voltada ao ouvido e suscitadora de uma visão hermenêutica. Você tem desenvolvido essa questão na pesquisa com textos acádios? Qual foi o fator desencadeador da pesquisa?*

J. L. B.: Sim, esse é um ponto que venho desenvolvendo desde meus estudos sobre narrativa antiga. No artigo em questão, eu proponho a ideia de que as tradições narrativas do Mediterrâneo antigo se dividem, de modo geral, em duas perspectivas: uma mais voltada à visualidade, característica da tradição grega, e outra mais ligada à escuta, como é o caso da tradição hebraica. Essa distinção foi algo que me intrigou desde que comecei a observar como os textos literários de cada uma dessas tradições se estruturaram.

No caso dos textos gregos, especialmente na poesia épica e no teatro, existe uma forte ênfase na construção de imagens mentais, no ‘ver’ através das palavras. A narrativa é quase sempre detalhada, com descrições visuais claras que permitem ao leitor ou ouvinte ‘enxergar’ o que está acontecendo. É uma estética baseada na visualização. Por outro lado, na tradição hebraica, a ênfase parece estar muito mais na palavra falada, no ouvir e interpretar. A narrativa hebraica, como a encontrada na Bíblia, não se preocupa tanto com os detalhes visuais, mas sim com a escuta atenta e a interpretação dos acontecimentos em um contexto, por assim dizer, moral ou ético. Essa ideia é exposta no artigo seminal de Erich Auerbach, “A cicatriz de Ulisses”, do livro *Mimese*.³

Essa reflexão me levou à literatura acádia, que, de certa forma, pode ser vista como uma precursora dessa divisão entre as tradições grega e hebraica. Os textos acádios, como a Epopeia de Gilgamesh, apresentam um modo narrativo único, mas também compartilham elementos tanto da tradição visual quanto da tradição auditiva. O fator desencadeador da minha pesquisa com os textos acádios foi justamente essa tentativa de compreender melhor como essas diferentes formas de narrativa surgiram e se desenvolveram no antigo Oriente Médio.

Na tradução da Epopeia de Gilgamesh,⁴ por exemplo, há momentos em que o texto faz descrições visuais muito vívidas, como na tabuinha 5, quando Gilgamesh e Enkidu chegam à Floresta dos Cedros. Essa passagem, descoberta e publicada apenas em 2014, é uma exceção na literatura acádia, pois descreve de maneira bastante detalhada o ambiente da floresta, algo raro em textos mesopotâmicos. A narrativa acádia, em geral, tende a ser mais contida nas descrições visuais, privilegiando o desenvolvimento da trama e as ações dos personagens, sem se deter em detalhes visuais exuberantes como encontramos na tradição grega.

Portanto, o que venho tentando demonstrar é que existem, de fato, modos de narrativa distintos entre essas tradições, e o estudo da

³ AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002

⁴ BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgámesh*. Tradução do Acádio, introdução e comentários por Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

literatura acádia me ajudou a reforçar essa tese. Os textos acádios têm uma simplicidade descritiva que pode ser interpretada como um precursor da tradição hebraica, onde a imagem não é o foco, mas as ações. O que me interessa é essa transição entre as diferentes formas de contar histórias, e como esses modos narrativos influenciaram, ao longo do tempo, as culturas mediterrâneas e do Oriente Próximo.

5 Os Estudos Clássicos na era da Inteligência Artificial

Pergunta: *Sendo um estudioso da Antiguidade, da invenção da escrita e dos primeiros textos da nossa civilização, além de ter vivido a época analógica e presenciado a revolução digital, como você vê as mudanças atuais e as transformações trazidas pela inteligência artificial? Qual você vislumbra o impacto dessas mudanças nos estudos clássicos em termos futuros?*

J. L. B.: As mudanças trazidas pelas novas tecnologias, e mais especificamente pela Inteligência Artificial (IA), são profundas e transformadoras. Vivemos uma época em que o conhecimento está sendo mediado de formas que jamais imaginávamos, e isso afeta não só os estudos clássicos, mas todas as áreas do saber. A IA tem o potencial de ampliar o acesso ao conhecimento, facilitando a tradução de textos antigos, o estudo de manuscritos e até mesmo a preservação digital de acervos históricos que, de outra forma, estariam perdidos para sempre.

No entanto, vejo essas mudanças com um certo ceticismo também. O que me preocupa é como as ferramentas tecnológicas podem nos afastar de uma leitura mais cuidadosa e reflexiva dos textos antigos. A IA pode fornecer respostas rápidas, fazer análises automáticas, mas o processo humano de interpretação, de diálogo com o texto, é algo que não pode ser substituído por uma máquina. Por exemplo, na tradução de um texto clássico, o que está em jogo não é apenas a tradução literal das palavras, mas a compreensão de contextos culturais, históricos e filosóficos que são muito mais sutis.

Eu imagino que, no futuro, os estudiosos clássicos usarão cada vez mais ferramentas de IA para auxiliar nas suas pesquisas, mas o papel do intérprete humano continuará sendo central. O desafio será encontrar um equilíbrio entre o uso dessas tecnologias e a manutenção

de um envolvimento profundo e crítico com os textos que estudamos. A grande questão, para mim, é como podemos usar a IA para complementar, e não substituir, o rigor e a sensibilidade que o trabalho filológico e interpretativo exige.

6 Reflexão Final sobre Eros

Pergunta: Agora estamos finalizando a entrevista, mas gostaríamos de voltar ao início de tudo que, segundo Hesíodo, é Eros. Vamos propor, como no Fedro de Platão, que você cubra a cabeça e faça um discurso sobre Eros. Vivemos em uma época de ódio, cancelamento, discórdia e guerras. Gostaríamos de ouvir suas reflexões sobre este Deus primordial, que representa o amor.

J. L. B.: Brindemos a Eros (diz ele, dispondo elegantemente uma echarpe sobre um dos ombros)! Afinal, estamos aqui em um simpósio, à maneira antiga, e nada mais apropriado do que invocar Eros, o princípio primordial do qual tudo deriva. Para Hesíodo, Eros é uma das primeiras divindades a surgir do Caos, e sua influência perpassa todos os aspectos da existência. Hoje, talvez mais do que nunca, precisamos de Eros. Mas não apenas do Eros idealizado, o Eros da harmonia. Falo também do Eros errante, que muitas vezes nos conduz ao erro, à incerteza e à desorientação.

Recentemente, comecei a escrever ficção, algo que já venho planejando há algum tempo. Meu novo livro, *Ode à Errância*,⁵ é um conjunto de contos que explora justamente essa ideia: a errância de Eros. Nele, estou lidando com histórias de amor, mas não no sentido tradicional. As personagens, assim como nós, vivem em constante desorientação, presas no jogo entre Eros e Erro, entre o desejo e o engano. Eros, ao mesmo tempo que nos guia, também nos leva por caminhos incertos, repletos de desvios. E é disso que trata o livro, dessa ode à errância que é a vida.

No livro, uma das personagens é um cônego da Catedral de Diamantina, que aconselha um jovem desorientado. Em seu discurso, o cônego menciona algo curioso: que, ao longo da história, os filósofos se concentraram demais na providência, no que é planejado, mas o

⁵ BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Ode à Errância*. Belo Horizonte: Patuá, 2024.

que realmente governa o mundo é a improvidência. O que conduz as pessoas, na maior parte do tempo, é a ausência de um plano. É a improvidência que molda as grandes forças que movem a humanidade: guerra e amor. Mesmo no cristianismo, o cônego admite que Eros continua sendo uma força fundamental.

O cônego cita um fragmento que diz: ‘Quando um demônio quer perder alguém, antes afeta a inteligência’. Isso é profundamente verdadeiro. Eros, com toda sua força e ambiguidade, afeta não apenas nossos sentimentos, mas nossa razão. Ele nos desestabiliza, nos conduz por caminhos inesperados, muitas vezes jogando-nos de volta ao caos inicial de onde ele próprio emergiu. Guerra e amor, aparentemente opostos, são dois movimentos primordiais que, na verdade, estão intimamente ligados. Ambos são capazes de provocar as maiores perturbações na existência humana.

No fim, Eros não é nem bom nem mau. Ele é uma constatação da condição humana, que vive entre o desejo e o erro, a busca e a desorientação. E talvez, nesse momento de tantas incertezas e divisões, seja exatamente essa errância que precisamos entender e aceitar como parte de nossa existência.